
DANÇA
8, 9 FEVEREIRO '08
SWAN LAKE,
4 ACTS
LAGO DOS CISNES,
4 ACTOS

De Raimund Hoghe

Culturgest

Grupo Caixa Geral de Depósitos



SEX 8 E SÁB 9 DE FEV 2008 · GRANDE AUDITÓRIO · 21H30 · DUR. 2H30 · M/12

Conceito e coreografia Raimund Hoghe

Colaboração artística Luca Giacomo Schulte

Intérpretes Ornella Balestra, Lorenzo De Brabandere, Emmanuel Eggermont, Raimund Hoghe, Nabil Yahia-Aissa

Música Tchaikovsky, *O Lago dos Cisnes*

Luz Amaury Seval, Raimund Hoghe

Som Frank Strätker

Produção e digressões Julie Bordez

Produção Raimund Hoghe (Düsseldorf), Groupe Kam Lai (Paris)

Co-produção Festival Montpellier Danse 05, La Bâtie – Festival de Genève, Tanzquartier Wien, Residência de Criação em Le Quartz – Scène Nationale de Brest, Centre Chorégraphique National de Franche-Comté à Belfort, Le Vivat – Scène conventionnée d’Armentières

Com apoio do Kaaitheater (Bruxelas)

Criação 2005

“Maximizado ao Mínimo”

Um Lago dos Cisnes para utilizadores avançados: Raimund Hoghe com Swan Lake, 4 Acts [...]. O que resta do grande clássico de Tchaikovsky se lhe tirarmos os cisnes e o virtuosismo? Raimund Hoghe e os seus quatro intérpretes encenam um espectáculo [...] que nos abala: o que resta é o essencial.

Alinhadas numa fila estão doze cadeiras desdobráveis. E em redor apenas uma sala nua com um negrume vazio e pesado. Não é assim que começa o *Lago dos Cisnes*! Onde está o Jardim, o Castelo, os convivas em vestes festivas? Onde está o aniversariante, o Príncipe Siegfried, cuja maioridade está a ser festejada? Com vozes russas, distante, um som quebrado, um *Lago dos Cisnes* esganiçado em vinil. A ‘Introdução’ de Tchaikovsky bem tenta em vão preencher o vazio dos primeiros minutos. À espera do quê? Por fim chega alguém. Não é o príncipe: trata-se de Raimund Hoghe, o coreógrafo em pessoa. Um

duende de negro, metro e meio de altura, corcunda. Será de confiança?

Na pele de “Mestre de Cerimónias” acende uma vela, no fundo do palco, senta-se e aguarda. Até chegar um segundo homem para esperar com ele, e um terceiro, todos de *t-shirt* e calças. E então chega uma mulher. Saltam à vista os traços refinados do seu rosto, o pescoço elegante, o andar clássico, os sapatos de salto alto. A sua aura de bailarina poderia cair bem a ambos os papéis, a jovem cisne recatada Odile e a negra, fria e calculista Odete, com as suas vibrações provocadoras e magnéticas*. Senta-se e faz o mesmo que os demais. Nada.

Sonho Hipnotizante

Estranho jogo. Entre o público sente-se a inquietação. Está prestes a decidir-se, êxito ou fracasso? Talvez seja agora que os primeiros espectadores abandonam a sala. Hoghe sabe como manter a incerteza e leva-a à exaustão. Repentinamente começa o ritual, um sonho hipnotizante onde o ser e o parecer, ilusão e realidade



se fundem. Sempre com trechos da famosa partitura – interpretada no *Swan Lake* de Hoghe pelos maestros Pierre Monteux, Eugène Ormandy, Wolfgang Sawallisch e Leonard Bernstein – é fácil deixarmo-nos ir. De forma praticamente imperceptível a sala começa a movimentar-se. Oito mãos e braços imitam bateres de asas ligeiros, formas orgânicas e suaves. Promessas de grandes saltos que nunca acontecem. É suposto visualizar. A partir de agora bastam citações e gestos para despertar na mente as associações de ideias. É o importante: sem qualquer referência ao contexto esta peça desenrolar-se-ia no espaço vazio.

Além de Hoghe há no palco três dançarinos com formação clássica: a bailarina Ornella Ballestra com a sua beleza ondulante e de cortar a respiração das suas grinaldas presas aos braços, o argelino Nabil Yahia-Aissa,

Brynjar Bandlien¹, bem como o performer Lorenzo De Brabandere, de 23 anos, com o qual Hoghe pôs em cena o *Sacre – Rite of the Spring* de Stravinsky há um ano no festival de dança Steps.

Com devoção infantil

Imagens simples de grande simbolismo andam a par. Os cubos de gelo – transformados por Hoghe em quadrados mágicos – são como o lago aos pedaços e o calor vai-os transformando em pequenos círculos, o que dá um efeito extraordinário. A inocência com que Hoghe sonha com a beleza, onde ele consegue camuflar na paisagem escondida o bando de cisnes, torna-se um símbolo dos sonhos destruídos que cada

¹ Emmanuel Eggermont, no espectáculo desta noite.



um de nós carrega em si. E quando, com uma devoção infantil, chega o grande número de dança e ele dispõe sobre o palco cisnes feitos de papel dobrado a fazer de bailarinos e se intromete de permeio como cisne negro e corcunda, ou quando no final deita o seu corpo nu na tempestade de areia catártica para devolver com um sopro a vida a Lorenzo De Brabandere, o seu Alter Ego perfeito, vêm-nos as lágrimas aos olhos.

Beleza Delicada

No conceito da composição em camadas múltiplas os motivos variam: tal como Hoghe cobre de forma protectora a passarola de papel com um pano branco, mais tarde cobre os corpos atléticos dos dançarinos com casacões, depois de, deitados no chão, desenharem no ar

o *Ports de bras* clássico. Ao fim de duas horas e meia Hoghe usa um gesto subtil para acordar os dançarinos do sono em que estão. Mas de alguma forma é o próprio público que acorda de um sonho preenchido com uma beleza delicada.

MARIANNE MÜHLEMANN, *DER BUND*,
18.06.2007 (TRAD. NUNO BON DE
SOUSA)



O cisne sacrificial de Raimund Hoghe

Conciliar tranquilidade e ferocidade parece uma quimera, para todos menos para o coreógrafo alemão Raimund Hoghe. [...] Durante quase três horas, que é quanto dura a sua versão de *Swan Lake*,

4 Acts, sobre música de Tchaikovsky, ele pega-nos na mão como se nada fosse e vai, pouco a pouco, aumentando a pressão. Até à aceleração final do IV acto, apoteose mortal de um cisne disforme que morre de amor, qual anjo destroçado*.

Hoghe termina exangue e nu esta trágica saga amorosa que é *O Lago dos Cisnes*: estendido com a cabeça na areia,

oferecendo ao olhar do público a sua corcunda que é como um promontório vivo. Ele encena, com impúdica mestria, a entrega absoluta de um ser ao amor.

Esta versão sacrificial do bailado clássico concluiu [...], com clamor e emoção, o 25.º Montpellier-Danse [...]. «Com esta peça tenho realmente a sensação de que a história da arte dá um salto em frente», comentou o director, Jean-Paul

Montanari, satisfeito com os trinta e cinco mil espectadores que foram afluindo ao longo do festival.

[...] Raimund Hoghe impôs o seu toque estilístico com uma evidência sem apelo. No conto, o Príncipe tomba sob o encanto do Cisne branco, a quem promete casamento. Durante um baile, julga reconhecê-lo, engana-se e a assina a morte da sua amada. Raimund Hoghe conservou apenas a essência deste equívoco amoroso.

Enleado nas voltas da música de Tchaikovsky, desconstruiu-a e depois remontou a ordem dos excertos, jogando a fundo com a repetição das suas áreas preferidas: é o seu poder de sugestão que conduz os cinco intérpretes.

No palco vazio, como sempre nos trabalhos de Raimund Hoghe, três bailarinos que dominam bem a técnica clássica colocam-se uns ao lado dos outros. Alguns gestos ancestrais do ballet afluem à superfície da sua pele. O que fica quando tudo foi esquecido? Que fantasmas habitam o corpo? Brynjar Bandlien² executa batimentos de pernas; Nabil Yahia-Aissa estende a mão, aponta o anel que há-de fazer deslizar no dedo da sua futura mulher; Ornella Balestra, outrora estrela da companhia de Béjart, faz despertar os ombros fluidos. Algumas imagens convocadas pelo coreógrafo prendem-nos com o seu vigor inventivo e a sua justeza. A posição de Hoghe, de joelhos, os braços erguidos atrás do corpo, como que petrificado no seu Cisne, é inesquecível. Como é o abraço quase tenso entre ele e o Príncipe (Lorenzo De Brabandere), o diálogo de

² Emmanuel Eggermont, no espectáculo desta noite.

reconhecimento quando desenham, com uma pedra de gelo, os contornos dos seus corpos.

Sobre um argumento banalizado, Raimund Hoghe põe a marca viva, enlouquecida pela urgência de amar, do seu *Swan Lake* particular. Ele que queria ser bailarino e não pode por causa da deformidade das suas costas, consegue projectar esta visão, da ordem da aparição, longamente sonhada e idealizada, a que poliu todas as arestas para salientar a silhueta de um mundo de beleza quase infantil. Em Hoghe a beleza é espectral, permeada pela dor e pela fatalidade.

© ROSITA BOISSEAU, *LE MONDE*, 7 DE JULHO DE 2005

* No bailado romântico de Tchaikovsky/Ivanov/Petipa, o príncipe Siegfried vai para a floresta à noite, desgostoso por ter que escolher uma noiva e anuncia-la no baile do seu aniversário, sentindo-se condenado a casar sem amor. Avistando um bando de cisnes a voar, prepara o seu arco e flecha. No entanto, ao aproximar-se do seu campo de visão, um dos cisnes transforma-se numa bela jovem vestida de plumas brancas. Siegfried descobre que se trata da princesa Odete, que o malévolo feiticeiro Von Rothbart mantém cativa usando os seus poderes mágicos para a transformar num cisne de dia e numa mulher de noite. Um grupo de outras jovens mulheres-cisnes cativas forma a corte de Odete nas cercanias do Lago dos Cisnes, que foi formado pelas lágrimas dos seus familiares quando Von Rothbart a raptou.

Ap apaixonado, Siegfried prepara-se para declarar o seu amor a Odete – um acto que desfará o

encantamento de Von Rothbart – quando este aparece. Siegfried ameaça matá-lo, mas Odete impede-o, pois a morte de Rothbart deixá-la-ia para sempre prisioneira do encantamento.

Siegfried volta para o castelo para o baile do seu aniversário. Von Rothbart chega disfarçado, acompanhado da sua filha Odile, que tornou em tudo semelhante a Odete, excepto que, enquanto Odete veste de branco, Odile veste de negro (tradicionalmente, Odete, o cisne branco, e Odile, o cisne negro, são interpretadas pela mesma bailarina). O Príncipe confunde-a com Odete, dança com ela e anuncia à corte que a escolhe para sua noiva. Apercebendo-se demasiado tarde do logro e de que a involuntária traição de Siegfried condenou Odete a ficar para sempre prisioneira do encantamento, os dois afogam-se no lago, o que faz com que Von Rothbart perca os seus poderes e morra também.



© Rosa-Frank.com

RAIMUND HOGHE nasceu em Wuppertal e começou a sua carreira a escrever, para o semanário alemão *Die Zeit*, retratos de personagens estranhos e celebridades, que posteriormente foram compilados em vários livros. Entre 1980 e 1990 foi dramaturgista do Tanztheater Wuppertal, de Pina Bausch, o que veio igualmente a dar origem a mais dois livros. Desde 1989 que cria as suas próprias peças para actores e bailarinos, e desde 1992 que mantém colaboração com o artista visual Luca Giacomo Schulte. Em 1994 criou o primeiro solo para si próprio, *Meinwärts*, que, juntamente com os subsequentes *Chambre séparée* (1997) e *Another Dream* (2000) constitui uma trilogia sobre o século xx. Seguiram-se as criações de grupo *Sarah, Vincent et moi* (2002), *Young People, Old Voices* (2002), *Tanzgeschichten* (2003), *Swan Lake, 4 Acts* (2005) e recentemente *Boléro Variations* (2007), criado para o Festival d'Automne, Paris. Trabalhou ainda o dueto em *Sacre*

– *the Rite of Spring* (2004) com Lorenzo de Brabandere e retomou o solo em 2007 com a criação em Seul (Coreia do Sul) e apresentação no Festival d'Avignon de 36, *Avenue Georges Mandel*.

Foi convidado a apresentar os seus espectáculos numa dezena de países, entre os quais o Japão, a Austrália e, mais recentemente, a Coreia.

Raimund Hoghe tem trabalhado frequentemente em televisão, em projectos como *Der Buckel*, um auto-retrato de uma hora feito em 1997 para WDR (Rádio e Televisão Alemã Ocidental). Os seus livros estão traduzidos em várias línguas. Vive em Düsseldorf e recebeu vários prémios, incluindo o Deutscher Produzentenpreis für Choreografie (Prémio de Coreografia dos Produtores Alemães), em 2001, e o Prémio da Crítica francesa em 2006 com *Swan Lake, 4 Acts*, na categoria de “melhor espectáculo estrangeiro”.

Europeu simultaneamente moderno e arcaico, contemporâneo e mitológico, Raimund Hoghe é uma personalidade siderante. Coreógrafo, bailarino, *performer* e quase artista plástico, parece conhecer tudo o que diz respeito ao palco, como se fosse a sua alma, lenda ou memória. Raimund Hoghe foi jornalista, escritor em Wuppertal, tornou-se o dramaturgo de Pina Pausch. E um belo dia, este homem pequeno e corcunda de olhar ora penetrante ora desarmado, deu o salto. Torna-se o dramaturgo da sua própria diferença, o argumentista de um corpo radicalmente outro, mais vasto do que o mundo, o reflexo dos nossos segredos mais insondáveis.

DANIEL CONROD

No seu primeiro solo, *Meinwärts* (1994), Raimund Hoghe abordou a vida e o trabalho do tenor judeu Joseph Schmidt na década de 1940. *Chambre séparée* tratava da sua infância na Alemanha, do milagre económico, mas também das sombras persistentes deixadas pelo passado nazi. *Another Dream* é sobre a atmosfera de despertar dos anos sessenta. A dança-teatro de Raimund Hoghe consegue ser explicitamente política sem negligenciar a forma. Na criação das suas peças minimalistas, a severidade ritual do teatro japonês é combinada com a *performance art* norte-americana, com o expressionismo alemão e com o seu próprio interesse pelos sentimentos humanos e pelas questões sociopolíticas. Pequenos textos sublinham as contradições do tempo e os grandes e pequenos anseios que nos sustentam. A acção das cenas é sempre apresentada

abstractamente e a emoção é contida apenas nas canções populares cuidadosamente seleccionadas por Hoghe de acordo com o tema e com o período. Usa as memórias de forma a que os eventos históricos sejam evocados através de momentos subjectivos e privados. O seu corpo, que devido à sua corcunda não corresponde à norma social, é lugar de todos nós e das nossas memórias pessoais. Cria espaço, entre coisas, palavras e canções, para reminiscências e afectos pessoais, para a reflexão mas também para o riso.

GERALD SIEGMUND

Pier Paolo Pasolini escreveu sobre lançar o corpo na luta. As suas palavras inspiraram-me para subir ao palco. As minhas outras fontes de inspiração foram a realidade à minha volta, o tempo em que vivo, as minhas memórias da história, as pessoas, as imagens, os sentimentos, e o poder e a beleza da música, além do confronto com o próprio corpo que, no meu caso, não corresponde aos ideais convencionais de beleza. É importante ver corpos em cena que não correspondem à norma – não só por razões históricas, mas também por causa dos desenvolvimentos actuais que estão a conduzir os seres humanos para um estatuto de objectos de design. Quanto ao sucesso: o importante é podermos trabalhar e seguir o nosso caminho – com ou sem sucesso. O que faço é, simplesmente, o que tenho que fazer.

RAIMUND HOGHE

PRÓXIMO ESPECTÁCULO JAZZ TER 12 DE FEVEREIRO

Fabrizio Cassol



Michel Hatzigeorgiou



Stéphane Galland



Aka Moon

GRANDE AUDITÓRIO · 21h30 · DURAÇÃO 1h30 · M/12

O saxofonista Fabrizio Cassol, o baixista Michel Hatzigeorgiou e o baterista Stéphane Galland, todos belgas, tocavam, na sua juventude, em diversos grupos, incluindo o Nasa Na Band que formavam com o guitarrista Pierre Van Dormael. Em 1990 os três encontram-se na República Centro-Africana, em plena tribo dos pigmeus Aka, gente incrivelmente tolerante que praticava uma música polifónica e polirítmica na qual os três amigos foram iniciados.

De volta à Europa, decidem formar o grupo Aka Moon em 1991, gravando o seu primeiro disco em 1992 (*Aka Moon*) inspirado na metodologia que os pigmeus usavam na criação da sua música.

Desde então o grupo cresceu, gravou uma quinzena de álbuns, actuou por toda a Europa e nos Estados

Unidos sempre com grande sucesso, apresentou-se no teatro de ópera de Bruxelas La Monnaie, participou em espectáculos das companhias Rosas ou Les Ballets C. de la B., integrou na sua música elementos de várias origens, construiu várias formações que incluía, entre muitos outros, músicos como os guitarristas Marc Ducret ou David Gilmore, percussionistas como o senegalês Doudou N'Djaye ou o indiano Sivaranam, o tablista, indiano também, Ancesh Pradham ou, recentemente, uma "orquestra" de DJ's.

Se os seus discos são sempre acolhidos com entusiasmo, é nos concertos ao vivo que os Aka Moon são especialmente brilhantes e revelam toda a riqueza da sua música.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

CULTURGEST, UMA CASA DO MUNDO

INFORMAÇÕES 21 790 51 55
WWW.CULTURGEST.PT
Edifício Sede da CGD
Rua Arco do Cego
1000-300 Lisboa

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE
Manuel José Vaz
VICE-PRESIDENTE
Miguel Lobo Antunes
VOGAL
Luís dos Santos Ferro

ASSESSORES
DANÇA
Gil Mendo
TEATRO
Francisco Frazão
ARTE CONTEMPORÂNEA
Miguel Wandschneider
SERVIÇO EDUCATIVO
Raquel Ribeiro dos Santos
Carmo Rolo ESTAGIÁRIA

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO
Margarida Mota

PRODUÇÃO E SECRETARIADO
Patrícia Blázquez
Mariana Cardoso de Lemos
Jorge Epifânio
Judite Jóia

EXPOSIÇÕES
PRODUÇÃO E MONTAGEM
António Sequeira Lopes
PRODUÇÃO
Paula Tavares dos Santos
MONTAGEM
Fernando Teixeira
CULTURGEST PORTO
Susana Sameiro

COMUNICAÇÃO
Filipe Folhadela Moreira
Marta Fernandes ESTAGIÁRIA
Sara Nogueira ESTAGIÁRIA

PUBLICAÇÕES
Marta Cardoso
Rosário Sousa Machado

ACTIVIDADES COMERCIAIS
Catarina Garmona

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS
E FINANCEIROS
Cristina Ribeiro
Paulo Silva

DIRECÇÃO TÉCNICA
Eugénio Sena

DIRECÇÃO DE CENA E LUZES
Horácio Fernandes

ASSISTENTE DE DIRECÇÃO CENOTÉCNICA
José Manuel Rodrigues

AUDIOVISUAIS
Américo Firmino CHEFE DE IMAGEM
Paulo Abrantes CHEFE DE AUDIO
Tiago Bernardo

ILUMINAÇÃO DE CENA
Fernando Ricardo CHEFE
Nuno Alves

MAQUINARIA DE CENA
José Luís Pereira CHEFE
Alcino Ferreira

TÉCNICO AUXILIAR
Álvaro Coelho

FRENTE DE CASA
Rute Moraes Bastos

BILHETEIRA
Manuela Fialho
Edgar Andrade

RECEPÇÃO
Teresa Figueiredo
Sofia Fernandes

AUXILIAR ADMINISTRATIVO
Nuno Cunha